

## Bioinseticida do sisal combate pragas na agricultura e o ácaro

Inimigo praticamente invisível, perigoso para quem sofre de alergia e tem crise asma, muito presente em carpetes, por exemplo, o ácaro pode ser combatido com um bioinseticida também utilizado no controle de pragas na agricultura: um produto fabricado a partir das saponinas, substâncias presentes no resíduo líquido do sisal. O bioinseticida vem sendo testado com sucesso por uma equipe multidisciplinar dos Departamentos de Farmácia e Biologia da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS).

A aplicação desse bioinseticida foi um dos temas, na tarde de hoje (dia 10), do 1º Congresso Internacional de Fibras Naturais, que reúne especialistas, pesquisadores, produtores e empresários de vários países até amanhã (11) no Hotel Pestana, no Rio Vermelho, em Salvador. Realizada em Valente, município da região sisaleira, com o apoio da Secretaria Estadual de Ciência, Tecnologia e Inovação (Secti), da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (Fapesb) e do Instituto de Desenvolvimento da Região Sisaleira (IDR-Sisal), a pesquisa é coordenada pelo professor Juan Tomás Ayala Osuna, com mestrado em genética vegetal e doutorado em melhoramento genético.

Ayala apresentou o painel “Atividade inseticida de extrato hidroetanólico, obtido a partir da resíduo líquido de agave sisalana (a folha do sisal), no controle da lagarta-do-cartuxo-do-milho”. Cientificamente denominada de *spodoptera furgiperda*, essa praga chega a acarretar na perda de até 45% da produção de milho, ainda no primeiro inicial da safra. Testes realizados até agora comprovaram que o bioinseticida do sisal atingiu o percentual de 64% de mortalidade após 72 horas de sua aplicação na lagarta que come a folha e a espiga do milho. Segundo o professor Ayala, o produto foi testado com sucesso também no combate ao ácaro, inimigo de muitas donas-de-casa e também das crianças alérgicas.

Com ação rápida, baixa toxicidade e fitoxidade, o bioinseticida pode ser tornar um subproduto economicamente viável para a cultura sisaleira, já que apenas 5% da folha do sisal são aproveitados e os 95% restantes jogados fora. Ayala informou que as pesquisas devem continuar, desta vez aumentando a concentração do extrato hidroetanólico do resíduo da folha do sisal. O sisal gera US\$ 83 milhões em divisas e cerca de 1 milhão de empregos para a Bahia e os demais Estados produtores do Nordeste, conforme o coordenador da pesquisa.

Nesta sexta-feira o Congresso prossegue com três discussões: “O Adensamento da Cadeia de Produção de Fibras Naturais”, do professor Alcides Leão, da Universidade Estadual Paulista, “Celulose e seus Nanocompósitos em Aplicações Biomédicas”, do professor Bibin Mathew Cherin, da Gandhi University da Índia e “O Conceito de Biorefino – O Papel das Fibras Naturais”, do professor Mohini Sain, da Universidade de Toronto, no Canadá.

Parte comemorativa do Ano Internacional das Fibras Naturais, o evento está sendo coordenado pela Secretaria Estadual de Ciência, Tecnologia e Inovação (Secti), em parceria com a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (Fapesb), com o apoio da Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO), o **Sindifibras**, o Sebrae, o Banco do Nordeste do Brasil (BNB), as Secretarias Estaduais de Agricultura (Seagri), do Planejamento (Seplan), de Indústria, Comércio e Mineração (Sicm) a Promobahia e a Prodeb.